TL1311

IFM (Indonésia Factos e Opiniões) ano 13 número 4 Novembro 1987

Conteúdo:

In memoriam Ernst Utrecht
No dia 4 de Setembro, sexta-feira, recebemos a funesta notícia de que Ernst Utrecht tinha morrido. Neste "in memorian" publicamos algumas recordações de Suparna acerca de Ernst mas, primeiro, o discurso de W.F. Wertheim por altura da cremação de Ernst Utrecht, no dia 8 de Setembro p.p.

Ernst Utrecht: nacionalista e amigo dos trabalhadores

A seca conduz outra vez a Indonésia à ruína
A Indonésia enfrenta outra vez um grande desastre: tal como em 1982, lavram grandes incêndios florestais em Kalimantan e Sumatra. Milhares de hectares de solo arável e floresta estão já perdidos, e mais se seguirão. A experiência de há cinco anos e toda a publicidade internacional que então se fêz não chegaram, pelos vistos, para a Indonésia aprender a lição: devido à incapacidade de evitar ou de curar, só resta a facilidade de se atirar a culpa para cima da população local. O ponto da situação.

Adik: uma história acerca de tráfico de mulheres
Adik é a primeira mulher indonésia que teve a coragem - e a possibilidade - de ir à polícia denunciar aqueles que a venderam e abusaram dela. Provavelmente ela é uma das muitas que, a partir da Indonésia (e de muitos outros países) são trazidas para a Holanda sob falsas promessas de trabalho e prosperidade e depois são obrigadas à prostituição. A seguir descreve-se todo o processo, desde o engano em que caíu, o seu sequestro, a fuga, até à luta contra aqueles que a vendiam.

Servidão neo-colonial
Há vinte e dois anos que a "Nova Ordem" de Suharto faz todos os possíveis para provar que não contém nada de novo, além de uma recuperação das relações coloniais de meados do século passado; que é, portanto, neo-colonial. Uma bela amostra disso encontra-se no jornal "Het Parool" de 1 de Outubro (data aziaga), numa reportagem de Theodor Holman da abertura de uma semana da Indonésia, em Heerlen, por ocasião dos cem anos da morte de Multatuli (escritor holandês -n.t.).

Seminário Indonésia 1988 sobre política agrícola
Na sexta-feira, dia 30 e sábado 31 de Janeiro de 1988 será organizado, pela segunda vez, o Seminário Indonésia. Juntamente com alguns estudantes da Universidade de Agronomia, em Wageningen, o Comité Indonésia está, neste momento, a completar os últimos preparativos. Com bastante avanço, vai ser publicado um "reader" com artigos de interesse geral sobre a matéria, para que toda a gente se possa orientar. Para quem o queira fazer ainda mais depressa, Anno Galema e Hans van der Veen escreveram o artigo abaixo.

Mais arroz - menos ganhos
O progresso no desenvolvimento da agricultura é, quase sempre, ilustrado com números de crescimento dos níveis de produção e volume de proventos tirados da exportação. Da mesma maneira que a agricultura holandesa vai bem quando as exportações de lacticínios aumentam, também fomos informados, em 1985, que a bem sucedida política agrícola indonésia tinha alcançado, pela primeira vez desde há décadas, a auto-suficiência no que se refere à produção de arroz. Suharto foi pessoalmente elogiado pela FAO, por esta proeza. Mas o que quase sempre fica por referir são os meios pelos quais esse fim é alcançado e, especialmente, as suas consequências para os verdadeiros produtores, nomeadamente os camponeses.

Larga escala de defensores de Timor Leste

IFM (Indonésia Factos e Opiniões) ano 13 número 4 Novembro 1987

A Falintil continua a resistir

A juventude numa colónia indonésia (segunda parte)

Já passaram trinta anos

No artigo seguinte o professor Wertheim reage à visão de Carmel Budiardjo e Liem Soei Liong sobre a proibição do partido Masjumi por Sukarno (v. IFM 13/2-3, Setembro '87). Ele evoca recordações pessoais e aponta para uma missão secreta de Ninoy Aquino...

Crítica de livros:

Social Commitment in Literature and the Arts:
the Indonesian "Institute of People's Culture" 1950-1965.

Keith Foulcher. Social Commitment in Literature and the Arts: the Indonesian "Institute of People's Culture", 1950-1965. Centre of Southeast Asian Studies, Monash University, Clayton (Victoria) 1986.

Pequenas notícias

Comércio de empregos + mortalidade infantil + a maior parte do futuro código do direito penal será islamita + Mulya Lubis vai estudar para os Estados Unidos + controle das ondas de rádio + deputados críticos + sessenta hectares de campos de soja prontos para a colheita destruidos com tractor + ex-presidente de sindicato reeleito na direcção da OIT + moluquenses de idade regressam a Amboina

~~~~

Larga escala de defensores de Timor Leste

Nos dias 13 e 14 de Agosto reuniu-se, em New York, a Comissão de Descolonização das Nações Unidas para examinar os progressos verificados no processo de 'descolonização' de Timor Leste. Mas não houve muito debate. Portugal, a Indonésia e Moçambique (em nome das antigas colónias portuguesas) discursaram, mas não se chegou a uma discussão. E muito menos foram tiradas conclusões. A maior fatia das sessões foi destinada aos testemunhos de onze pessoas que falaram em nome de organizações muito diferentes entre si. Elas mostraram que o processo de descolonização de Timor Leste mantém muita gente ocupada, no mundo inteiro. Hans van der Veen falou em nome do Comité Indonésia e escreveu este artigo para o IFM.

Foi uma sensação estranha ouvir falar os representantes da Indonésia. De repente, não eram os ocupantes militares que estavam no banco dos réus, mas sim aqueles que defendem uma solução justa para o povo de Timor Leste. Como é que nós nos atrevíamos a contrariar dessa maneira, não só o estado indonésio mas também as Nações Unidas! Na Comissão dos Direitos Humanos das NU a Indonésia já não estava na lista negra dos regimes que violam sistemáticamente os direitos humanos, portanto, isso fazia com que tudo estivesse bem, agora, em Timor Leste. Esta argumentação (errada) foi completamente virada do avesso mais tarde, em Agosto, quando foi resolvido, em Genebra, colocar outra vez na agenda as violações dos direitos humanos em Timor Leste - assim foi corrigido um erro do passado.

O representante da Indonésia usou de um argumento digno de nota, contra mim: que direito tinha eu de falar, vindo de um país onde uma organização como a fundação Fiel Através dos Séculos ainda está em actividade. Esta fundação lamentaria ainda que a Holanda tivesse perdido as suas colónias. Mas porque é que se usa a existência dessa organização para me desacreditar? Pelos vistos, os indonésios não estão habituados a uma sociedade pluralista.

PORTUGAL

O discurso de Portugal foi desanimador. Nesse país tinha sido formado há pouco

tradução: luísa freitas
~~~~

um novo governo pelo PSD, que se apoia numa maioria absoluta no parlamento. Assim, na declaração do governo português, já não se falava no direito à autonomia. Mais tarde, um representante do governo português negou que tivesse havido, realmente, uma mudança de curso. Portugal continuaria empenhado na realização do direito à independência, tal como está garantido na constituição portuguesa. O facto de isso não ter sido nomeado na declaração governamental em Nova Yorque era considerado como uma táctica de abertura à Indonésia. Já há um ano que não há conversações entre Portugal e a Indonésia porque a Indonésia não quer falar sobre uma solução democrática para o conflito e Portugal não quer deixar de o fazer. Mesmo assim, fica a dúvida se Portugal não se estará a rebaixar para, no fim, tentar um acordo - por cima das cabeças dos timorenses que não são de maneira alguma, nem sequer pelo Secretário Geral das Nações Unidas, chamados a falar sobre o seu futuro.

UDT

A presença de quatro dirigentes da UDT foi importante. A União Democrática Timorense era um dos dois grandes partidos (com a Fretilin), em 1974/75. O seu porta-voz nesta audiência foi João Carrascalão, irmão do actual governador de Timor Leste. Carrascalão (membro do Comité Central e presidente do Comité para as Relações Externas da UDT) e o Secretário Geral da UDT, Domingos Oliveira, que também estava presente, tomaram parte, desde o princípio, no processo de descolonização. Carrascalão esteve em Timor duas vezes, nos últimos três anos, a última vez em Janeiro de 1987.

A delegação da UDT declarou, sem margem para dúvidas, que a UDT sempre foi a favor da opção da independência para Timor Leste, e sempre o será. *"Nós queremos um Timor independente e queremos que os nossos façam uma escolha soberana, através de um processo verdadeiramente democrático, debaixo da supremacia das NU. Fazemos esta declaração autorizados pelo mandato de todos os que nos seguem, em Timor e fora do país. Tomamos esta posição com inteira consciência dos perigos que correm as nossas irmãs e irmãos, amigos e seguidores em Timor Leste. Amanhã podem ser apanhados, física e mentalmente intimidados, batidos, aprisionados, torturados, e alguns deverão encontrar a morte..."*

MITOS

Na sua conferência, Carrascalão denunciou um certo número de mitos que, desde há alguns anos, têm sido espalhados pela Indonésia, para legitimar a invasão. Assim, ele negou que a UDT tivesse pedido à Indonésia para intervir. As violações da fronteira do território de Timor Leste, que tiveram lugar antes da invasão, em Dezembro de 1975, não foram executadas por 'cidadãos voluntários', como afirmam as autoridades indonésias. Eles tinham barcos de guerra, veículos de aterragem, artilharia pesada e outras armas sofisticadas. Aviões voavam no espaço aéreo timorense. Muito antes da invasão já havia tropas indonésias (Barretes Vermelhos) no país, que contrabandeavam armas e aprendiam a conhecer o terreno.

Também foram postas a nu as mentiras da Indonésia acerca da 'Assembleia Popular eleita' em Maio de 1976, que teria votado pela integração na Indonésia: *"Helicópteros indonésios apanharam alguns indivíduos dos poucos distritos que então estavam ocupados pelos militares, transportaram-nos para Dili, onde os juntaram a outros que selectivamente tinham sido escolhidos nas ruas de Dili, e então declararam que eles tinham sido 'eleitos'. Foi esta Assembleia que a Indonésia usou para afirmar que Timor tinha sido integrado segundo um processo democrático justo."*

A invasão realizou-se em ondas, cada vêz com mais gente, cada vêz melhor armada. Morte e destruição eram o pão nosso de cada dia. Tentaram subjugar os Timorenses usando da estratégia da terra queimada. Mas o povo tornou-se cada vêz mais resoluto, segundo João Carrascalão, e nada disposto a fazer concessões quanto à sua dignidade e à sua maneira de pensar e viver.

"É verdade que a Indonésia construiu estradas, edifícios, escolas e hospitais em Timor. É verdade que a era da televisão entrou em Timor por obra e

graça da Indonésia... Mas a realidade, por detrás das estradas, dos edifícios, das escolas, é que o nosso povo ainda está a braços com uma guerra de destruição; diariamente são feitos prisioneiros, as nossas mulheres são violadas; o nosso povo não é livre, na sua própria terra. A guerra arrasta-se sem que o fim esteja à vista... Mais de dez anos de cruel ocupação militar só conseguiram uma coisa: uma forte recuperação do sentimento nacionalista, uma determinação em lutar, uma vontade sempre viva de ganhar, isto em todos os sectores da sociedade e, especialmente, na nossa jovem geração."

NOVO COLONIALISMO

Em nome da Fretilin falou o chefe da delegação externa, Abílio Araújo. Ele disse que os povos de Timor Leste e do Sahara Ocidental sustentam uma guerra de libertação contra novas potências coloniais.

"Isto é um fenómeno novo; que países que antigamente foram colonizados por potências europeias, agora se tenham tornado os colonialistas. Esses países eram, até há pouco, os mais fortes defensores do anti-colonialismo. Eles davam um forte apoio à luta de outras nações pela libertação da opressão colonial. Agora tornaram-se verdadeiros colonialistas, e provavelmente ainda mais sanguinários que os antigos colonialistas europeus."

Abílio Araújo citou um relatório que foi recebido em Abril, do Conselho Revolucionário da Resistência Nacional, onde são descritos acontecimentos em três aldeias timorenses. Daí se torna claro o significado da expressão 'desenvolvimento indonésio' na prática. Uma das aldeias é Klarerek-Mutin, que fica a sul da estrada Vikeke-Luka. O número de habitantes era 1.593, agora reduzido a 570 pessoas, sobretudo mulheres. O resto, ou foi assassinado pelas tropas indonésias, ou morreu como consequência da cruel opressão.

"A presença contínua de guerrilheiros (...) causa um crescente sentimento de instabilidade nas tropas de ocupação locais. Um pelotão do exército indonésio, que é reforçado por 12 timorenses armados (...) encontra-se no centro do campo de concentração, rodeado por cabanas da população (...) Dois círculos de segurança foram traçados à volta do campo. O círculo que está mais próximo, cerca de 200 metros, é composto por postos de guarda, que podem ir até 12, todas as noites (...) O outro círculo é composto de 10 postos de guarda, que distam 300 metros uns dos outros; em cada posto estão duas pessoas, todos os dias. Apesar da terra ser boa e fértil, a população de Klarerek-Mutin sofre fome todos os anos (...) e só a deixam trabalhar a terra num raio de um quilómetro."

AGRESSAO JAPONESA

O relatório de Iwamura Shouhachi foi emocionante. Durante a Segunda Guerra Mundial ele estava estacionado em Timor Leste como comandante de pelotão. Para ele existe um paralelismo entre a agressão japonesa dos anos 30 e 40 e a invasão e agressão do regime de Suharto. O mesmo desprezo geral que, nesse tempo, era dirigido contra o Japão, deveria agora ser dirigido contra a Indonésia.

"Foi há dois anos que eu ouvi falar disso pela primeira vêz. Ouvi falar de como o povo timorense, apesar das privações, há mais de um decénio sustenta uma guerra de resistência. Nessa altura, senti-me horrorizado. Lembrava-me do que nós tínhamos feito, durante a Segunda Guerra Mundial, quando ocupámos Timor Leste. Infelizmente, tenho que confessar que me tenho conservado ignorante do que tem acontecido em Timor Leste, desde os anos quarenta. Sinto-me fortemente comovido pela determinação dos timorenses, que nessa altura tanto sofreram com o que nós, japoneses, lhes fizemos, e que agora tanto têm que passar para dar realidade à sua independência."

Iwamura vê ainda sinais de esperança, apesar da frustrante reacção da comunidade internacional.

Em Abril do ano passado, 75 membros do DIET (parlamento japonês) escreveram uma carta ao Secretário Geral das NU. Nessa carta eles pediam-lhe que promovesse rapidamente negociações de paz em que os timorenses também estivessem representados. Desde esse tempo, alguns

destes membros do parlamento chamaram o governo japonês à sua responsabilidade acerca da atitude que ele tomou para com Timor Leste. E em Novembro do ano passado foi formado um Conselho, no DIET, sobre o problema de Timor Leste.
Além dos participantes já nomeados, falaram ainda em New York representantes das seguintes organizações: o Hobart East Timor Committee da Austrália, Amnesty International, Tapol, Asia Watch, a International League for the Rights and Liberation of People, o Catholic Institute of International Relations, l'Association de Solidarité avec Timor Oriéntal e o Comité Indonésia. De Portugal vieram um membro do parlamento do Partido Socialista, Raul Brito, e D. Manuel da Silva Martins, que falou em nome da secção portuguesa da Pax Christi. Todas estas pessoas representam uma larga escala de organizações.

Hans van der Veen

~~~~

A Falintil continua a resistir

A seguir, publica-se a primeira parte do discurso de Hans van der Veen, em nome do Comité Indonésia, para a Comissão de descolonização das Nações Unidas, a 13 de Agosto de 1987, em Nova Yorque. Na segunda parte ele tratou da limitada possibilidade de entrada em Timor Leste, e pediu às NU para enviarem uma comissão de inquérito a Timor Leste.

No ano passado, a 15 de Agosto, o antigo administrador apostólico da Igreja Católica Romana em Timor Leste (1977--1983), da Costa Lopes, testemunhava com base na sua experiência pessoal, perante a Comissão de Descolonização: "Apesar da grande desigualdade na relação de forças, os timorenses põem uma tal honra na defesa da sua terra, que preferem morrer na frente de batalha contra a Indonésia, do que viver como escravos passivos e vítimas do que temos que chamar colonialismo indonésio."
A guerra em Timor Leste dura há já quase 12 anos. Depois de terem perdido por volta de 200.000 compatriotas - vítimas da invasão e ocupação militares da sua terra - os timorenses que ficaram são obrigados a tomar parte numa campanha em larga escala de controle de nascimentos. Também desta maneira, os indonésios tentam reduzir o número de timorenses.
Entretanto, há 50.000 indonésios em Timor Leste, dos quais pelo menos 15.000 são militares. As vezes o número de militares aumenta, como aconteceu no Outono do ano passado (até 30.000), quando a Indonésia lançou uma grande campanha militar para eliminar definitivamente os guerrilheiros da Falintil (o braço armado da Fretilin). Esta operação chamava-se 'Kikis', que significa 'exterminação'. Mas os militares indonésios não conseguiram, de maneira nenhuma, exterminar os guerrilheiros, assim como não o conseguiram fazer em nenhuma das campanhas militares anteriores. Também não lhes foi possível aprisionar o comandante da Falintil, Xanana Gusmão. Na segunda semana de Julho deste ano, mil Barretes Vermelhos foram transportados, de Java, para duas bases em Timor Leste (Lospalos e Baucau). Também estas tropas de elite tentam aprisionar dirigentes da Falintil, especialmente Xanana. O aumento dos esforços indonésios deve-se provavelmente ao desejo da Indonésia de eliminar os guerrilheiros antes que o Secretário Geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, faça o seu relatório final (segundo se espera, em 1988).
Há anos que a Indonésia tenta acabar de vêz com a Falintil, mas até agora em vão. As lutas continuam e, segundo a Fretilin, entre Novembro de 1986 e Janeiro de 1987, 132 soldados indonésios foram mortos e 63 armas foram apanhadas pela Falintil. Esta informação encontra-se num documento de 83 páginas que foi contrabandeado para fora de Timor Leste (fonte: Fretilin, comunicado à imprensa, Lisboa, 22 de Junho de 1987).
Em 21 de Novembro de 1986, uma unidade da Falintil atacou um dos postos de segurança indonésios, no caminho de Lospalos para Iliomar. Foram mortos 34
~~~~

soldados indonésios e um ficou ferido; as armas foram levadas pelos guerrilheiros. Dois dias depois, a 23 de Novembro, os indonésios interrogaram a população de Iliomar. Os 'suspeitos' foram levados para o escritório do comando militar distrital (KODIM). Durante o interrogatório, estes 'suspeitos' foram violentamente espancados e torturados com choques elétricos. No fim de Fevereiro/princípio de Março deste ano as tropas indonésias vieram outra vêz para Iliomar e 17 soldados indonésios, armados com uma baioneta, mataram um cidadão timorense cada um. Entre as dezassete vítimas encontravam-se o camat (chefe do distrito) e o rajá (rei) de Iliomar.

Xanana, o comandante-chefe da Falintil, juntou a esta informação, o seguinte:

"Esta espécie de acções de retaliação dos ocupantes militares contra pessoas que não se podem defender têm sempre lugar depois dos guerrilheiros terem lançado um ataque. Está claro que esta vingança serve os seguintes fins. Em primeiro lugar, para aterrorizar ainda mais a população. Em segundo lugar, os ocupantes tentam transmitir à população a ideia de que não precisava de sofrer essas represálias se não houvesse um movimento de resistência armado. Está claro que os indonésios querem criar sentimentos de ódio e rancor contra os guerrilheiros. Em terceiro lugar, os indonésios tentam, por meio das acções de retaliação, tornar claro aos guerrilheiros que eles não podem matar nenhum soldado indonésio sem que também um cidadão timorense não seja morto (Fretilin, comunicado à imprensa, Lisboa, 16 de Julho de 1987).

Pessoas em Railaco também foram torturadas, depois que o comandante Mau-Caro, da Falintil, e a sua companhia ultrapassaram Dili, no começo deste ano (Fevereiro/Março 1987). Como reacção a isto, os indonésios mobilizaram grande parte das tropas estacionadas em Dili. Também usaram cidadãos de Dili para eliminar os guerrilheiros. Mas a operação indonésia não teve qualquer resultado. Habitantes de Railaco foram acusados de terem escondido os guerrilheiros. Depois disso, os indonésios tomaram medidas de retaliação contra os habitantes de Railaco, dos quais alguns foram torturados (Fretilin, comunicado à imprensa, Lisboa, 22 de Junho de 1987).

Está claro que os indonésios têm medo das relações que possa haver entre a Falintil e os timorenses. Isto porque, depois da invasão indonésia, dezenas de milhares de timorenses deixaram as regiões, pequenas em tamanho, que estavam sob o controle indonésio. No princípio era fácil sobreviver para aqueles que vivíam em regiões da Fretilin, porque eram ajudados pelas pessoas das cidades, que lhes davam o que precisavam. Só depois dos violentos bombardeamentos de 1977/78, os timorenses foram obrigados a deixar as montanhas e a renderem-se. Dezenas de milhares morreram nessa altura, como consequência da política indonésia de destruir as suas colheitas e plantações.

Desde 1979, mais de 150.000 timorenses foram reagrupados em 150 campos de repovoamento. Estes campos de repovoamento são chamados pela população de 'campos de concentração'. Os habitantes são submetidos a um apertado controle militar, e não são livres de sair do campo. Até de trabalhar os campos à volta eles não são livres, porque os indonésios temem que eles abasteçam de comida os soldados da Falintil.

Tal como escreveu um timorense, em Janeiro de 1987, num documento que foi contrabandeado para fora do país: "Os timorenses sabem que ainda nos obrigaríam mais a calarmo-nos, ainda seríamos mais oprimidos, se não houvesse nenhum movimento de resistência nos nossos vales e matas... Este é o mais forte sentimento nos corações dos timorenses. E por isso todos participamos, cada um à sua maneira, na resistência armada. E o inimigo sabe-o" (Fretilin, comunicado à imprensa, 22 de Junho de 1987).

Muitas vezes, os timorenses são presos pelos indonésios porque estes suspeitam que eles ajudaram a Falintil, de uma ou de outra maneira. Entre os presos há também funcionários administrativos, como Aleixo Guterres, representante da UDT e chefe do distrito de Maubisse. Foi acusado de ter dado comida, roupa e medicamentos aos guerrilheiros. Em Outubro foi preso pelos serviços secretos do exército e entregue ao Comando dos Nanggalas em Dili, onde foi torturado.

tradução: luísa freitas

Os nanggalas são tropas do regimento de paracomandos Kopassandra, que são especialmente treinados para matar e para a violência. Estes Barretes Vermelhos são os mais temidos assassinos de todas as tropas indonésias em Timor Leste. Joaquim Guterres, comandante de uma companhia de hansips (soldados timorenses ao serviço da Indonésia) e chefe da aldeia de Venilale, foi acusado de ter escondido guerrilheiros em sua casa e de lhes ter dado medicamentos. Foi cruelmente posto fora de casa com pancada, pelos nanggalas, e levado para uma prisão em Baucau. Foi posto em liberdade depois de ter pago um resgate que constou de búfalos.

João Martins foi preso em Novembro de 1986. Ele era o antigo dirigente da Apodeti, o pequeno partido timorense que era pela integração na Indonésia, em 1975. é o chefe do departamento provincial dos Assuntos Sociais e esteve preso e foi interrogado durante três dias por oficiais de Jacarta que pertencem ao comando dos nanggalas de Dili (Fretilin, comunicado à imprensa, 22 de Junho de 1987).

Desta e de outras acusações indonésias, fica claro que eles têm medo que haja apoio para a Fretilin, e mesmo que ele venha daqueles que dantes pareciam ter escolhido o lado da Indonésia. Assim, Joaquim Guterres, ainda em 1979 tinha sido condecorado pelo exército indonésio, pelos serviços prestados durante a ocupação de Baucau, em 1975/76.

Os colonialistas indonésios estão bem conscientes de que a antipatia contra os indonésios é geral. Agora, eles tentam ganhar os 'corações e as almas' dos timorenses, trabalhando para o seu 'desenvolvimento'. Afirmam que levam educação, saúde, transportes e prosperidade ao que eles chamam de 'povo atrasado'. Como se não tivessem aprendido nada da história do colonialismo e da luta contra ele. Usam agora os mesmos argumentos que os holandeses usaram, na primeira metade deste século, como legitimação da sua ocupação colonial da Indonésia. Mas, como todos nós sabemos, o direito à autonomia não pode ser trocado por pontes e escolas.

~~~~

A juventude numa colónia indonésia (segunda parte)

Rogério A. P., de 24 anos, um timorense que vive em Lisboa, deixou Dili há cerca de um ano. Era ainda uma criança quando se deu a invasão indonésia. Numa entrevista à Tapol ele fala sobre a repercução que a invasão teve na sua vida. A seguir publicamos a tradução da segunda parte da entrevista. A primeira parte foi publicada no número de Setembro da IFM (13/2-3). A última parte será publicada no número cinco deste ano.

Depois da derrota da Fretilin em 1979 e do seu reaparecimento em 1980, a Indonésia lançou uma nova ofensiva em 1981. Onde é que tu estavas nessa altura? Foste obrigado a tomar parte na ofensiva?

Eu morava em Dili, mas ía muitas vezes à minha terra, Hatu-udo. Recebi ordens para participar, mas estava doente. Muitos dos meus primos foram obrigados a participar. O meu pai era velho demais, mas todos os outros membros masculinos da família tiveram que ir. Só um mês depois é que voltaram, emagrecidos pela falta de comida. Um deles morreu no caminho, nas montanhas de Aitana. Era professor na escola de Santo António.

Depois da morte de Nicolau Lobato, em 1978, ouvimos que a Falintil estava muito mal organizada. A seguir, Xanana tomou a chefia. Havia resistência, nesses tempos, mas não estava bem organizada. No dia 10 de Junho de 1980 houve uma revolta em Dare, nos subúrbios de Dili, organizada por guerrilheiros, de colaboração com a resistência urbana. Não teve sucesso, mas foi importante ter havido uma revolta.

Como reacção a isso, os indonésios lançaram uma nova ofensiva em 1981. Muita gente foi assassinada pelas tropas - mulheres grávidas a quem abriram a barriga, pessoas decapitadas. Mas os indonésios não conseguiram aprisionar Xanana e os outros guerrilheiros.

tradução: luísa freitas
~~~~

Os guerrilheiros tinham ouvido que esta operação iria ter lugar, de maneira que um dos seus dirigentes, Venâncio Xavier, que controlava a região de Ainaro, foi para Luru, onde a sua família vivia, desde que tinha sido obrigada a mudar-se. Em Luru, ele e os outros guerrilheiros, foram escondidos pela população, entre os quais alguns timorenses que pertenciam à polícia. Dois anos mais tarde, quando os barretes vermelhos, os 'buaya putih' (crocodilos brancos) como eles a si próprios se chamavam, vieram, prenderam e mataram muita gente, incluindo a família do Xavier. João Xavier foi executado porque tinha protegido Venâncio em 1981. Florindo, de Hato-builico, foi também morto. Ambos tiveram que cavar as suas próprias sepulturas antes de serem assassinados. Além disso, foram torturados primeiro: os seus testículos e pénis foram violentamente maltratados, e receberam choques eléctricos. Os 'crocodilos brancos' descobriram como o Venâncio Xavier tinha sido escondido em 1981 depois de terem aprisionado alguns guerrilheiros nas montanhas. Eles disseram tudo quando foram torturados. Mesmo assim, esses prisioneiros foram mortos. Quanto ao Venâncio Xavier, ainda toma parte activa na luta. Outros que foram apanhados juntamente com o João Xavier, ainda estão na cadeia da Comarca.

Mais ou menos nesse tempo, houve um incidente horrível, protagonizado por um homem que se chamava Oscar Araújo, era de Nunumogue, e era um polícia timorense. O pai dele foi assassinado pelos indonésios, por suspeita de ter ajudado os guerrilheiros. O Oscar perdeu a cabeça de tal maneira que foi ao quartel-general da polícia, matou um oficial e fugiu em direcção ao mato. Foi morto por um tiro enquanto fugia. A seguir amarraram-lhe as mãos a um veículo e arrastaram o cadáver pelas ruas da cidade de Ainaro. O sangue deixou um rasto pelo caminho todo. Mais tarde queimaram o cadáver no campo de futebol. As pessoas ficaram aterrorizadas.

Deste-te bem em Dili?

Frequentei uma escola portuguesa, que ensinava disciplinas portuguesas, o Externato de São José. O director era o irmão Dr. Leão da Costa, o sub-director Domingos Maratu da Cunha e os professores eram do seminário, Padre João Felgueiras e Pastor José Martins. Outro professor chamava-se Valêncio, mas esse desapareceu mais tarde. Ainda outro professor da minha escola, que agora está na prisão, é Antônio de Araújo, que dantes era enfermeiro. Eu passei para a segunda classe. O meu pai tinha que pagar muito dinheiro de propinas. Tínhamos que contribuir para os salários dos professores porque a escola não recebia fundos, nem do governo nem da igreja. Tudo o que a igreja podia fazer era proteger a escola.

Como é que os teus pais puderam pagar a escola?

Tinham um pequeno negócio (a minha mãe ainda vivia, nessa altura), de maneira que podiam mandar-me algum dinheiro. Não podiam vender o café da plantação de 15 hectares de cafezeiros que tinham, porque estavam situados na área controlada pela Falintil. A minha mãe faleceu em 1982 e o meu pai estava velho demais para trabalhar. Pude ficar na escola até 1985, depois arranjei trabalho numa firma de construções. Viajava muito, para Maliana, Ainaro, Same, Ermera, Liquica, Bobonaro e Manatuto.

Qual era a atitude dos indonésios para com a escola?

Os do serviço secreto estavam sempre a tentar fechar a escola. Muitas vezes apareciam oficiais para intimidar as pessoas. Os directores eram muitas vezes intimados para se apresentarem no exército, mas o bispo protegia a escola. Para nós, o ir à escola significava uma maneira de coservar a nossa identidade étnica e a nossa cultura.

Mas havia matérias indonésias no programa de estudo, bahasa Indonesia e PMP (lições na moral do Pancasila), que eram ensinadas por pessoas de Kefamenau e Atambua, em Timor Ocidental.

Mas quando acabei a quinta classe saí da escola para ir procurar trabalho, de maneira a poder ir visitar o meu pai.

Tinhas que ter um documento especial para viajar?

Sim, tem que se ter um 'surat jalan'. Para estudantes, isso significa que se tem que arranjar uma carta do director da escola à sede distrital (kabupaten) e a seguir mostrá-la ao comando militar

distrital (kodim). No kodim, tem que se falar primeiro com o primeiro assistente, para se obter licença do comandante. O oficial do serviço secreto fazia, então, um interrogatório. A mim, ele perguntaria, naturalmente, porque é que eu ía a uma escola portuguesa, e uma data de outras coisas. Tudo isso era muito assustador.

Por essa razão, fui uma vêz para Ainaro sem surat jalan, depois da morte da minha mãe. O meu pai estava doente porque um soldado lhe tinha batido. Como não conseguiu obter o tratamento certo em Ainaro, foi para Dili. O que aconteceu foi o seguinte:

O meu pai tinha um qiosque. Um dia, apareceu um soldado para comprar coisas, mas não pagou. Ele enviou um TBO (um jovem timorense que é usado pelos soldados como carregador e moço de recados) para ir buscar a mercadoria. O meu pai disse ao TBO que ele tinha que voltar atrás e lembrar ao soldado que ele ainda não tinha pago. O TBO voltou e disse ao meu pai que fosse ter com o soldado. Ele pensou que era para receber o dinheiro, mas em vêz disso foi espancado e ficou muito ferido. Os vizinhos que o viram, mais tarde, naquele estado, ficaram muito preocupados. O meu pai é conhecido e respeitado por todos naquela região.

De qualquer maneira, eu fui para Ainaro para cuidar da casa enquanto ele recebia tratamento em Dili. Quando cheguei a Hato-udo, a polícia perguntou pelo meu surat jalan. E eu não o tinha. Fui levado ao 'dansek' (o chefe da polícia local), e daí ao 'danramil' (o comandante militar local). Um soldado começou a bater-me com uma sandália. Bateu-me no olho esquerdo e eu caí. O olho começou a inchar. Não podia levantar-me mas ele ordenou que me levantasse. Eu não podia mesmo e então ele começou a bater-me com o cabo da espingarda. Bateu-me nas costas, e eu tentei levantar-me, mas então ele bateu-me violentamente no peito. Caí outra vêz e tinha dificuldade em respirar. Ele pegou na espingarda de tal maneira que parecia que me ía balear. Gritava que eu tinha que me levantar. Apesar de estar com grande dificuldade em respirar não tinha alternativa senão pôr-me de pé. Mas quando eu fiz isso ele bateu-me no outro olho e eu caí outra vêz. Queria chorar mas consegui evitá-lo. Evoquei o espírito da minha mãe. "Ajuda-me", disse-lhe, "não aguento mais."

Sentia-me amargurado e perguntava a mim mesmo quando é que estes indonésios se íam embora da nossa terra. Fiquei no Koramil até à tarde, até que eles me disseram que podia ir para casa. Quando lá cheguei, os vizinhos vieram ver o que tinha acontecido. Alguns choraram quando me viram. Tinha os dois olhos inchados, mas não chorei.

Contei-lhes que tinha que ir no dia seguinte para Ainaro, onde ficaria preso, e então eles deram-me um 'biro' para me proteger. Na nossa tradição, isto é uma espécie de amuleto. Disseram-me que, antes de partir para Ainaro, devia mordê-lo, e depois atirar com sete pedras. Eu estava em estado de choque. Embora propriamente não acredite nessas coisas, fiz o que eles disseram. Eu sentia muitas dores. Quando chegou o momento, o oficial do Koramil disse-me que não precisava de ir ao Kodim em Ainaro. Disse que, se eu não dissesse a ninguém do Kodim que não tinha surat jalan, nada mais aconteceria.

De facto, eu já tinha viajado mais vezes sem surat jalan, mas esta foi a primeira vêz que eles descobriram. é difícil e caro arranjar um surat jalan. é preciso suborná-los com cigarros ou com contactos. Os soldados fazem uma data de perguntas, a gente pode ser interrogada pelo serviço secreto. é terrível.

Se uma pessoa vai a caminho para algum lugar, fazem-na parar a cada passo para mostrar o seu surat jalan. E, de cada vêz, tem que se pagar. Se a viagem é de kolt o chauffeur tem que pagar também, de maneira que isso conta para o preço da viagem.

E que acontece às crianças que têm que passar por postos da patrulha, a caminho para a escola? Também têm que ter surat jalan?

Não, os soldados reconhecem-nas. Não haverá dificuldades desde que elas respeitem os soldados e digam "Bom dia, Senhor" ao passar. Os postos são tripulados pela polícia e pelo exército. Cada batalhão ao longo da estrada tem o seu próprio posto. Entre Dili e Ainaro, uma distância de 48 quilómetros, deve

haver uns vinte postos.
Que acontece às pessoas que transportam mercadorias para vender, por exemplo, café?
Não é permitido a ninguém transportar café para Dili. Todo o café tem que ser vendido a PT Denok. Só eles o podem vender em Dili. Quando as pessoas transportam vegetais ou outras coisas têm que pagar em cada posto. Se isso não acontece, as mercadorias são confiscadas pelos soldados. Isso faz com que os preços das mercadorias aumentem em Dili.

Fonte: Tapol, nº 83, Outubro de 1987.
Continua no próximo número de IFM.

~~~~

COMÉRCIO DE EMPREGOS
B.P.L. Daruhoro, de 45 anos, foi julgado, em Setembro, em Jacarta, pela acusação de vender carreiras governamentais. Teria recebido dinheiro do funcionário da imigração M. Soewignyo para lhe arranjar a função de vice-governador de Jambi, em Sumatra. Soewignyo disse que tinha pago 155 milhões de rupias a Daruhoro, para esse fim. Daruhoro disse só ter recebido 87 milhões. Além disso, Daruhoro afirmou em sua defesa que tinha presenteado com 65 milhões de rupias a campanha eleitoral do Golkar, como demonstração de lealdade. Aliás, Soewignyo não ficou com o emprego em Jambi. Já antes tinha tentado tornar-se presidente da câmara de Surabaya, pagando para isso 100 milhões de rupias. Também não conseguiu (Jakarta Post, 27.09.87).

MULYA LUBIS VAI ESTUDAR PARA OS ESTADOS UNIDOS
O antigo director do Instituto Indonésio para Ajuda Jurídica (LBH), Mulya Lubis, partiu, no dia 2 de Agosto, com a sua família, para os Estados Unidos, para frequentar um curso pós-doutoral na Universidade de Harvard. Três meses antes, o governo indonésio tinha-lhe recusado um visto de saída, quando ele queria assistir, em Manila, a um congresso sobre a instalação de escritórios de ajuda jurídica. Crê-se que a proibição de viajar estava ligada a críticas de Lubis à resolução do ministro da justiça, Ismail Saleh, de afastar o conhecido advogado dos direitos humanos, Buyung Nasution, durante um ano, das suas funções. O novo director do LBH em Jacarta é o doutor Abdul Hakim Garuda Nusantara (Far Eastern Economic Review, 02.07.87).

CONTROLE DAS ONDAS DE RADIO
O governo japonês emprestou 2,64 milhões de ienes, como contribuição para os custos de um novo projecto indonésio de controle de frequências radio-eléctricas. O projecto, destinado a tirar do ar emissores de rádio ilegais, fornece equipamento com o qual pode ser identificado qualquer comprimento de onda, no que respeita a potência e a lugar de proveniência. Espalhadas por toda a Indonésia, serão instaladas 21 estações com este equipamento (Inside Indonesia, nº 11, Agosto de 1987).

SESSENTA HECTARES DE CAMPOS DE SOJA PRONTOS PARA A COLHEITA DESTRUIDOS COM TRACTOR
Numa aldeia perto de Jember, Java Oriental, foi destruida com um tractor a plantação de 60 hectares de feijão de soja, pronta para a colheita, pertencente a 90 camponeses. Dezenas de polícias e militares protegiam os trabalhos, com cacetes na mão. O motivo foi que o governo queria obrigar os camponeses a plantar cana de açucar em vêz de soja. O chefe da aldeia tinha dado a sua autorização, contra a vontade dos camponeses. Os camponeses recusam-se a plantar cana de açucar porque isso significaria para eles uma grande perda financeira. (Tempo, 15.08.87).
~~~~